

Já chamaram de vício impune ou brincadeira de gente grande o ato de colecionar, apesar de que, desde o início, mais ou menos seriamente, ele tenha feito mais virtuosos do que pecadores. Hoje, está praticamente superada a tese que diz que colecionar se trata de um passatempo amadorístico quando, por exemplo, é sabido que fatores econômicos, culturais e sociais tomam parte forte no jogo. No ato de ajuntar, simplesmente, há um grande impulso inerente à natureza prática ou fetichista do homem. Desde os ajuntadores de cabeças-troféu, de conchas, de pedrinhas, da pré-história até - mas por razões bem diferentes - os colecionadores de obras ou objetos de arte e de toda a parafernália oferecida hoje em dia, todos têm, por séculos, permitido amorosamente que suas coleções fizessem parte do estofo do cotidiano.

Se encararmos as obras e os objetos como testemunhos de uma cultura e de um tempo, vamos constatar, por outro lado, que eles sempre exerceram um enorme fascínio a uma minoria atenta, dada ao salutar exercício do estudo e do conhecimento daquilo que ela coleciona. O resultado é o aprimoramento de sua sensibilidade e o aguçamento de suas faculdades de discernimento e escolha, de julgamento e apreciação; uma inequívoca marca que qualifica o colecionador e o distingue frontalmente do simples coletor. A história, de uma certa maneira, tem nos ensinado que, da coleção particular pacientemente acumulada ou de seus componentes isolados, invariavelmente, o destino, após ser vendida, trocada, doada ou cedida, é chegar à instituição pública, mais cedo ou mais tarde. O trajeto natural da casa ao museu, do âmbito doméstico ao recinto público é ^{inexorável} inevitável, como são ^{as estações} inexoráveis as estações da vida. Antecipar aquele processo, saber de bom grado praticar discretamente sua generosidade, ^{repartir o que possui} também ^{também identifica} identifica, entre outras tantas qualidades, o grande colecionador ~~de~~ ^o mesquinho ajuntador.

Seja qual for a razão, durante toda a sua vida o homem reúne coisas, ajunta, coleciona, se forma colecionador por opção e prazer, muito raramente por sacrifício e necessidade. O bem-cuidado álbum de figurinhas de ontem poderia muito bem estar estimulando hoje a aquisição de gravuras pelo comprador de pinturas de amanhã. A lembrança de inefáveis brinquedos do passado poderia ser a senda do colecionador de múltiplos para se chegar a ser um ^{entusiasta} zeloso amante da escultura. Em ambos os casos, poderia até estar incluído um futuro "comprador" de arte conceitual, essa modalidade de expressão radical, evanescente no espaço e no tempo, que por não produzir como resultante documentos diretos, se tornam quase anti-coleção. Quantitativamente, quadros ou esculturas, gravuras ou múltiplos, figurinhas ou brinquedos antigos, constituem uma parcela mínima da imensa variedade de itens passíveis de se colecionar; entretanto, sem desprezá-la categoricamente, precisamente na variedade restante temos a nossa faixa de maior interesse a desenvolver.

(continua)

Instituto de Arte Contemporânea

artista e designer ~~artista~~

Nestas páginas Willy, de Carlos Tinventá ~~artista~~
fascinantes coleção através de sua visão ~~de designer~~ ~~com o apoio~~
particular da questão. ~~artista e~~

~~para a chamada~~ ~~caso~~ ~~haja~~
Fernando, por favor, não coloque cabeçalho no artigo.
eu gostaria de sugerir ~~para a chamada~~ no índice, caso haja:

Nestas páginas, Willy, de Carlos ~~artista e designer~~
propõe fascinantes coleção através de sua ~~intencional~~
visão particular da questão.

Instituto de Arte Contemporânea